

1 Introdução

Uma pesquisa é sempre, de alguma forma, um relato de longa viagem empreendida por um sujeito cujo olhar vasculha lugares muitas vezes já visitados. Nada de absolutamente original, portanto, mas um modo diferente de olhar e pensar determinada realidade a partir de uma experiência e de uma apropriação do conhecimento que são, aí sim, bastante pessoais (DUARTE, 2002, p. 140).

A educação em espaços não escolares tem se difundido profundamente nos dias atuais. A necessidade cada vez maior de se educar os alunos para a cidadania e para a aquisição de saberes que extrapolam os conteúdos mínimos exigidos nos parâmetros curriculares da educação básica, somada à dificuldade também contínua da escola em se adequar às novas demandas culturais e sociais são algumas das explicações para uma crescente atuação de outros setores da sociedade na educação.

É evidente que a atuação do terceiro setor na área educacional não vem de hoje, visto que a própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) em seu artigo 1º reconhece a existência dela. Contudo, as instituições sociais (tais como os sindicatos, as igrejas, os partidos, a mídia, as associações de bairros, entre outros), parecem ter compreendido mais profundamente que a sua contribuição para a cultura não pode ser deixada de lado.

Esses espaços educativos diversificados estão dentro do que se intitulam Espaços de Educação Não Formal, no qual um dos seus maiores representantes é o museu. A instituição museal nas últimas décadas tem se reconhecido como área potencial de educação e difusão da cultura, desenhando de forma acentuada seu caráter educacional.

Um dos principais exemplos de apropriação dessa missão educativa dos museus para com a sociedade se deu com a criação de setores educativos, os quais tinham como função cuidar do viés educacional do museu, especialmente do público escolar que passou a ser seu principal frequentador. O foco principal da maioria dos setores educativos (SE) é receber o público escolar para realizar as chamadas “visitas guiadas/mediadas” (MACHADO, 2009). Portanto, alunos e professores são o público alvo dessas equipes. O professor, em particular, é o grande interesse do SE por ser ele o formador de opiniões dos alunos e aquele que

tem oficial e temporalmente maior oportunidade de educar seus alunos para a cultura.

Apesar de os alunos e principalmente seus professores serem o público alvo dos SEs, não parece haver uma sintonia tão grande entre esses dois polos educativos (escola e museu) principalmente no que se refere aos contextos social e pessoal. Muito, porque não há um questionamento por parte do educador do museu em saber quem são as pessoas a quem vão atender, quem é esse professor que leva seus alunos às instituições culturais e qual a intenção existente por trás da procura por esse tipo de atividade. Também parece haver uma falsa ideia de que o docente necessariamente detém o capital cultural socialmente valorizado, o que inevitavelmente proporcionaria uma apreensão e uso “adequados” do espaço museal.

Embora alguns museus façam um questionário que condiciona a visita, pouca reflexão e estudo têm sido feitos com esses dados. A maior parte das vezes, o SE faz as atividades que já haviam sido programadas ignorando as expectativas e olhares que o docente pode possuir acerca do museu (CARVALHO, 2007). Se para realizar uma atividade educativa de qualidade na educação formal há a necessidade de identificar o conhecimento prévio do aluno, porque não considerar isso também do público do museu e, em particular, do professor?

Pesquisas realizadas nos últimos 20 anos têm mostrado como há uma falta de interesse em procurar entender a visão que se tem de museu e o que se busca nele por parte do público escolar, em especial do público docente (CAZELLI, 1992; FREIRE 1992; ALMEIDA, 1995; VALENTE, 1995; CARVALHO, 2005, VIEIRA e BIANCONI, 2007). O que esses estudos apontam é que parece haver uma cristalização da ideia do que motiva o professor ir a um museu e o que o primeiro espera do segundo, gerando um descaso na compreensão desse fenômeno.

Muitas dessas pesquisas também tratam da escolarização dos espaços museais realizadas pelos professores que não aproveitariam as possibilidades não formais dos museus, ao tentar trazer o formato e temas da escola para esse *locus*. Esse “mau” aproveitamento dos espaços culturais seria o motivador de muitas críticas aos docentes, que são vistos na maioria das vezes como desinteressados ou acomodados por não realizarem as visitas de forma desvinculada da educação formal.

Logo, para além do lugar comum de acreditar que já se sabe o que os professores pensam sobre museus, de que professor é uma classe homogênea na qual todo o seu corpo vê e atua nesses espaços de forma similar, e de que eles escolarizam o museu por opção e por falta de comprometimento, esta pesquisa se propõe, em primeiro lugar, a mapear o perfil socioeconômico e cultural dos docentes que visitam o Museu da Geodiversidade (MGeo) em visitas escolares. E, num segundo momento, analisar o modo como o museu e suas ações educativas são percebidas por esses professores.

A justificativa para realização deste estudo se dá pelo fato de a educação ser um direito fundamental defendido e assegurado por lei. Por conseguinte, tudo o que diz respeito ao fornecimento adequado desse direito se torna extremamente relevante. Se considerarmos que a educação formal se dá principalmente na escola através um professor e um aluno, os dois protagonistas do processo, todo e qualquer estudo que venha a investigar a um deles ou a ambos, muito pode favorecer e melhorar a qualidade do ensino.

O interesse em se estudar melhor o docente busca atingir um dos vértices mais importantes e influentes nesse processo educativo. É ele que é formado para educar, adquire um ofício através do qual não apenas exerce uma profissão e se torna um cidadão produtivo, mas influencia e colabora para a construção de muitos outros cidadãos. Logo, investigações que vislumbrem conhecer esse profissional e compreender o exercício docente tornam-se válidas.

O ganho que esta investigação traz para a área da educação em museus também é muito significativo, ao passo que conhecer os professores que visitam museus com seus alunos favorece a elaboração de atividades educativas e uma maior e melhor aproximação com o público docente, auxiliando assim para consolidação da função social do museu junto ao universo escolar. Essa colaboração, que, embora seja maior para o Museu da Geodiversidade, onde ocorreu a pesquisa, acaba sendo pertinente para todos os espaços, os quais adquirem uma nova forma de pensar sobre seu público da educação formal.

Esta pesquisa, ao tentar identificar os professores que atuam nas instituições culturais e entender o que pensam sobre as mesmas, procura proporcionar o rompimento com a concepção de que a classe docente é homogênea, além de conhecer o volume e a estrutura de capital cultural que o professor possui. Se a ele é atribuída a missão de, entre outras funções, expandir o saber sobre a cultura dos

discentes, é preciso primeiro investigar qual o capital cultural de que os professores dispõem, a fim de que não se cobre do educador mais do que ele teria a oferecer.

Para além de contabilizar quantos professores vão ao museu, é preciso averiguar quem eles são, o que motiva a ida a esse local, como se sentem e, quando acompanhados de seus alunos, como exploram ou não a visita antes, durante ou depois da mesma. O fato de o professor frequentar o espaço não determina, necessariamente, que tipo de uso ele faz das instituições culturais.

Antes de se julgar o professor e o modo como ele explora os espaços culturais é preciso verificar qual tipo de capital cultural de que se está falando. Afinal, este trabalho parte da hipótese que os docentes não atuam da forma esperada pelos profissionais museais não por falta de vontade, mas por falta de capital cultural incorporado, o qual é transmitido principalmente pela família e pela escola. Assim, lhes sobraria apenas o capital cultural objetivado e institucionalizado, os quais são adquiridos através da posse de objetos e títulos respectivamente, e que poderiam explicar um uso não tão cultural ou lúdico desses locais.

A fim de se aclarar tais questões sobre a relação professor e museu foi feita esta pesquisa empírica através de entrevista semiestruturada e aplicação de questionário a dez professores que visitaram o Museu da Geodiversidade da UFRJ com suas turmas no período de quatro meses, tempo de realização da pesquisa.

A escolha por esse museu universitário se deu por vários motivos, dentre eles: a) ser um museu de fácil acesso à pesquisadora, que é funcionária desta instituição; b) ser um espaço de extensão universitária, incumbido da associação entre pesquisa e ensino nas práticas extensionistas; c) ser um museu jovem preocupado com a sua missão educativa mais ampla na sociedade, principalmente com o público escolar, o qual é seu visitante mais frequente.

Os resultados desta pesquisa, que serão apresentados a seguir, foram construídos sob a forma de sete capítulos, incluindo este primeiro introdutório da investigação.

No capítulo 2 foi trazida a revisão de literatura sobre o tema da educação em museus no Brasil, com ênfase nos estudos de público que contemplavam, principalmente, a presença escolar nesse espaço (com destaque para a participação docente), ajudando a situar esta pesquisa no histórico da educação museal.

No capítulo 3 é apresentado o Museu da Geodiversidade, espaço museal universitário vinculado à UFRJ e que, como já foi mencionado, foi cenário para a realização desta pesquisa. Já no capítulo 4, é apresentado o referencial teórico desta investigação, que se debruça sobre Bourdieu (2010b) e seu conceito de capital cultural e o contexto de aprendizagem em museus elaborado por Falk e Dierking (2000), que ajudam a entender as percepções e usos dos professores nos espaços museais. O conceito de educação não formal também é apresentado nessa parte de forma que se clarifique o que é ou não essa forma educativa e se verifique se o uso que os professores fazem desse espaço é ou não adequado à sua definição.

O capítulo 5 descreve os procedimentos adotados na pesquisa de campo, de modo que se possa compreender a relação dessa forma de se realizar a pesquisa com o problema a ser investigado e a teoria que o embasa. O capítulo 6, por sua vez, apresenta os resultados da investigação, mostrando o capital cultural dos docentes e de sua família de origem, assim como as opiniões e os usos que os docentes fazem do museu. Finalmente, o capítulo 7 traz as considerações finais, retomando as questões norteadoras deste trabalho e tentando dar sua contribuição para o cenário da relação professor e museus.